

São Francisco e a língua dos animais.

Uma lenda.

Certa feita São Francisco passeava ao longo dos muros de Assissi, mergulhado em pensamentos devotos. Os prados e campos sorriam na manhã da primavera. O espírito do santo se ocupava de Nossa Senhora, quando o seu olhar caiu, como que por acaso, sobre um par de borboletas que despreocupado dançava de flor em flor em risonha ciranda. A brisa amena acariciava flores e borboletas, e enchia a alma do santo com bem-estar e com gratidão. A beleza e a perfeição da criação e das criaturas se tornou intimamente evidente e a alma do santo se expandia, para abranger todos os seres do campo e Prado fraternalmente. Cheio de uma felicidade calma e em profunda harmonia com a natureza deixou se cair na grama, para ~~se~~ se unir ainda mais á criação divina. As abelhas zuniam, os bichinhos se mexiam, os pequenos vermes se retorciam em redor de sua cabeça, de sua barba, de sua sotana, e toda esta multidão alegre lhe era intimamente amiga, eram irmãos e filhos do mesmo pai amoroso. Todos estes animalinhos, assim parecia ao monge santo, cantavam, junto com ele mesmo, uma canção de louvor ao criador amado, um majestoso "Gloria in Excelsis". E a alma de São Francisco compreendia o sentido e a significação do cântico, mas o sentido das vozes individuais continuava oculto. E São Francisco caiu de joelhos e pediu á Mãe de Deus para que interfira junto ao trono divino e peça a graça da compreensão das línguas dos animais e bichinhos. E o Senhor, em Sua sabedoria impene-travel, sorriu e abriu o coração, o cérebro e o ouvido de São Francisco á língua dos bichos.

O santo monge inclinou o ouvido ao casal de borboletas. Naquele dialogo a fema tinha a iniciativa. Provocava o macho sem rodeios de possuí-la. Cheia de invenções de poses sempre mais atraentes e obscenas, chamava a atenção do macho sobre as suas características sexuais primarias e secundarias e demonstrava a sua prontidão, a sua ansia irreprimivel de engolir a semente frutifera nas suas entranhas. Jamais o santo escandalizado tinha ouvido semelhante falta de vergonha. Nada na experiancia do munge era comparavel á desenfreiada luxuria da fema borboleta. O ser mais intimo do santo homem estava revoltado de maneira impura e ele sentia os laços do diabo. Com as ultimas forças da vontade fez o sinal da cruz, para afastar a tentação satanica em forma de borboleta. Cheio de santa ira pegou no inseto luxurioso e esmagou-o entre os dedos. O suco amarelado venenoso demonstrou a origem infernal da criatura .

São Francisco dirigiu a sua atenção ao bichinho que fraternalmente lhe apalpava a ponta do dedo com suas antenas e perninhas. O animalinho estava ocupado em monologo ininterrupto. O tema exclusivo, em mil variações, era fome e comida. Tudo que o bichinho via e sentia e apalpava, era auscultado sobre um unico ponto: se servia como comida. Com voracidade incançavel abria os alicates famintos, e os fechava com furia assassina, quando encontrou algo devoravel. Os seus multiplos olhos se fixavam sem expressão sobre todas as coisas, em procura monomaniaca de comida, e com desinteresse brutal de tudo que não podia ser devorado. E a alminha do bichinho declinava sussurando: "Quero comer isto, e isto, e isto, e quero comer, e comer, e comer, e quero e quero e quero". Tal egoismo animalesco e idiota fez o santo tremer de odio e paralisado escutava o monologo do assassino brutal. E, cheio de raiva e de justiça esmagou o verme nojento. A massa branca informe era prova da origem satanica da creatura.

Surpreso e desorientado o santo monge dirigiu o seu ouvido para dentro, para escutar a voz de seu proprio sangue. E um cântico de vozes fininhas se levantou, o canro dos gonócoquinhos. Mexiam-se aos milhares no sangue do servo devoto de Deus, uma lembrança de uma tentação que o santo não tinha podido vencer de tudo. E dividiam-se rapidamente e nutriam-se do sangue do monge e louvavam a São Francisco, seu protetor e hospede. Cantavam a sabia ordem divina que permitia o pecado do monge e assim possibilitava a existencia de tantos milhares de criaturas divinas, que encontraram um escudo e uma patria e se multiplicavam como as estrelas nos ceus e a areia nos mares. O santo homem sacudiu a cabeça em espanto, e a alma se lhe perturbava.

De repente o silencio voltou e tão sómente a brisa primaveril sussurava. O Senhor em sua profunda bondade tinha retirado o don da língua dos animais. São Francisco caiu de joelhos, rezou, e falou estas palavras piás: "Meu Deus, Tu criador do mundo e dos homens e dos animais e pai de todos os seres. Seja agradecido pela graça que concedes aos homens de perceber na visão integral a harmonia das tuas obras. E seja agradecido pela graça com a qual Tu evitas que os homens percebam na visão analitica o terrivel caos do inferno. Louvado sejas Tu, Senhor, Rei do mundo, que cobres o inferno e amarrotas as línguas". Amem.